

Mãos e traços na parede: os baixos-relevos em um contexto de escravidão como subsídios ao estudo da trajetória, da presença e da lembrança africana, Ouro Preto/MG (séculos XVIII-XIX)

Hands and drawings on the wall: the bas-reliefs in a context of slavery as subsidies to the study of the african trajectory, presence and memory, Ouro Preto/MG (18th-19th centuries)

Leonardo Lopes Villaça Klink

 <https://orcid.org/0000-0001-7932-5446>

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Durante uma reforma iniciada em um sobrado localizado na Rua Direita do município de Ouro Preto/MG, dezenas de gravuras inscritas em um painel de argamassa terrosa foram encontradas em um espaço associado pelos veículos de informações como o antigo porão da residência. Como foi possível notar, tais conjuntos de gravuras do subsolo tratam-se de figurações análogas à “cenas africanas”, compostas por baixos-relevos e grafites antropomorfos, zoomorfos, zooantropomorfos e fitomorfos peculiares ao que se tem registrado e produzido acerca do cotidiano em Vila Rica setecentista e oitocentista. Com esta proposta, pretendo expor o andamento inicial de minha pesquisa de Doutorado, a qual corresponde ao estudo arqueológico dos respectivos desenhos e da casa em que se encontram. No entanto, centrarei aqui na exposição dos primeiros passos da pesquisa, baliza que abrangerá a produção da primeira vetorização do painel e as procedências de grupos étnicos de escravizados e forros que estiveram habitando algumas das unidades domésticas da Rua Direita entre os séculos XVIII e XIX. Portanto, agentes que sobreviveram aos violentos processos da diáspora e que possam ser vinculados à autoria destes ricos e diversos desenhos incisos, aludindo ou não a possíveis lembranças da vida no distante continente africano.

Palavras-chave: Baixos-relevos. Espaço Doméstico. Ouro Preto/MG. Rua Direita.

Abstract: During a renovation initiated in a townhouse located on the Rua Direita in the municipality of Ouro Preto, Minas Gerais, dozens of engravings were found inscribed on a clay panel in a space associated by the information vehicles as the old basement of the residence. As it was possible to notice, such sets of engravings are analogous to “african scenes”, composed of bas-reliefs and anthropomorphic, zoomorphic and zooanthropomorphic drawings peculiar to what has been recorded and produced about the daily life in Vila Rica in the 18th and 19th century. With this proposal, I intend to present the initial progress of my doctoral research, which focuses on the archaeological study of the respective drawings. However, I will focus on exposing the first steps of the research, a marker that will encompass the production of the first vectorization of the panel and the origins of ethnic groups of enslaved and freed people who were inhabiting some of the households on the Rua Direita between the 18th and 19th century. Therefore, agents who survived the violent processes of the diaspora and who can be linked to the authorship of these valuable incised records, alluding or not to possible memories of life on the distant african continent.

Keywords: Bas-reliefs. Domestic Space. Ouro Preto/MG. Rua Direita.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Introdução

Durante uma reforma ocorrida no ano de 2017 em um sobrado localizado na Rua Conde de Bobadela (antiga Rua Direita) do município de Ouro Preto/MG (antiga Vila Rica), dezenas de gravuras foram encontradas inscritas em um painel de argamassa barrosa presente em um espaço do subsolo, o antigo porão da residência. Entre 2019 e 2021, diversos veículos de notícias produziram matérias sobre o achado, especulando principalmente que os desenhos estariam no local onde outrora fora uma senzala, uma clara associação direta e errônea entre espaços de convivências negras aos claustros dos cativeiros urbanos¹.

Do período que compreende as publicações das primeiras notícias acerca da descoberta do mural até o momento, nenhuma pesquisa acadêmica para servir de base comparativa ao estudo ou referência à temática foi localizada². No entanto, vale a pena mencionar duas produções audiovisuais disponibilizadas no *YouTube*. A primeira delas trata-se de uma reportagem produzida pelo jornal Estado de Minas apresentando a casa e alguns dos grafismos, aludindo à importância cultural dos registros a partir de algumas entrevistas³. Já a outra, diz respeito a uma comunicação ministrada pela professora Doutora Mariza de Carvalho Soares denominada de “Os baixos relevos na antiga Rua Direita em Ouro Preto”⁴. Chamo a atenção também a uma entrevista cedida pela mesma historiadora ao jornal “Estado de Minas Gerais”, em que apresenta algumas hipóteses preliminares a respeito dos processos de envolvimento e produção do que associou a uma comunicação por “narrativas visuais”⁵. Mais recentemente, através de um convite feito pela emissora BAND para um quadro televisivo sobre Ouro Preto/MG, tive a oportunidade de apresentar sucintamente o espaço do sobrado, o painel e expor algumas das gravuras que podem aludir às experiências de vida no continente africano⁶.

Como se nota, algumas das gravuras dispersas pela parede do subsolo tratam-se de figurações análogas à “cenas africanas”, compostas por alguns baixos-relevos e desenhos

¹ WERNECK, Gustavo. Obra revela “cenas africanas” em porão de Ouro Preto; escravo pode ser autor. *Estado de Minas Gerais*, 29 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/29/interna_gerais,1088821/obra-revela-cenas-africanas-em-porao-de-ouro-preto-escravo-pode-s.shtml. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

RARO mural africano é descoberto por acaso em antiga senzala de Ouro Preto. *History Channel Brasil*, 29 de outubro de 2019. Disponível em: <https://history.uol.com.br/historia-geral/raro-mural-africano-e-descoberto-por-acaso-em-antiga-senzala-em-ouro-preto>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

PIMENTEL, Thais. Desenhos descobertos em porão que já foi senzala de Vila Rica revelam inéditas cenas africanas. *G1 Minas*, 31 de outubro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/10/31/gravuras-descobertas-em-porao-que-ja-foi-senzala-de-vila-rica-revelam-ineditas-cenas-africanas.ghtml>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

² Um projeto de pesquisa arqueológica e histórica liderado por uma equipe de docentes da UNIFESP, UFOP e USP denominada “Presença africana no patrimônio material de Ouro Preto, MG” foi aprovado enquanto portaria do IPHAN em 2023, mas até o momento não há indícios de frutos deste projeto.

³ ESTADO DE MINAS. Escravidão no Brasil tem descoberta rara em Ouro Preto. *YouTube*, 21 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aic0qb25hqU>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

⁴ PACHECO, Bruno. Os baixos relevos na antiga Rua Direita em Ouro Preto. *YouTube*, 22 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0oni4E_rWQY&t=1201s. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

⁵ WERNECK, Gustavo. Enigma em Ouro Preto: estudo aponta origem de mural feito por escravos. *Estado de Minas Gerais*, 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/02/28/interna_gerais,1241700/enigma-em-ouro-preto-estudo-aponta-origem-de-mural-feito-por-escravos.shtml. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

⁶ MELHOR DA NOITE. 312 anos de Ouro Preto! Conheça a cidade mineira no Olhar do Brasil. *Youtube*, 30 de outubro de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TUEm_EGTjtE&t=35s. Acesso em: 09 de dezembro de 2023.

antropomorfos, zoomorfos e zooantropomorfos peculiares ao que se tem registrado, preservado e produzido acerca do cotidiano de Vila Rica setecentista e oitocentista.

A premissa deste artigo, enquanto experimento analítico, é expor um recorte do andamento de minha pesquisa de Doutorado, a qual volta-se ao estudo dos respectivos desenhos, de seus prováveis agentes e dos espaços que compunham a unidade doméstica, sobretudo sob o viés da Arqueologia da Arquitetura. Aqui, proponho investigar os vestígios gráficos na intenção de correlacionar estes desenhos parietais às principais regiões escoadoras de cativos, os quais foram recenseados enquanto habitantes de algumas das propriedades da Rua Direita de Vila Rica entre os séculos XVIII e XIX. Portanto, agentes que sobreviveram aos árduos, nauseabundos e violentos processos do tráfico atlântico e, que podem ou não ser vinculados à autoria destes singulares traços.

O processo de “construção” de uma breve biografia do sobrado partindo da identificação dos supostos moradores resultou dos procedimentos metodológicos de sondagens e levantamentos de fontes documentais, proporcionados pelas investigações onomásticas. Estes documentos cartorários e censitários foram localizados principalmente em meio aos acervos do Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte/MG), do Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), da Casa dos Contos e do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência em Ouro Preto/MG. Na intenção de identificar os baixos-relevos e os desenhos pigmentados, optei pela produção de um croqui a partir da vetorização de fotografias posterior a uma experimentação baseada no conceito da técnica denominada de *Polynomial Texture Mapping* (PTM), utilizada por arqueólogos principalmente em contextos parietais pré-coloniais.

Cabe pontuar que, como um trabalho conduzido, não apenas para apresentar o levantamento e a identificação inicial destes grafismos, mas como uma interpretação das motivações que levaram às produções de algumas das figurações, trata-se de um processo subjetivo regido pelo olhar sobre os usos e construções do espaço do painel partindo de sua materialidade, uma maneira de “ler”, construir e escrever uma narrativa entre muitas outras possíveis e, uma tentativa de evitar analisá-la pela perspectiva representacionista, semiótica e metafórica.

Que painel é esse?

Ouro Preto localiza-se por volta de 100km da capital Belo Horizonte, 398km da cidade de Rio de Janeiro e a 628km da capital São Paulo. A cidade foi tombada em 1938 pelo IPHAN, reconhecida como Patrimônio Mundial da UNESCO na década de 1980 e, devido ao potencial turístico e ao estado de conservação do sítio urbano composto por edificações dos séculos XVIII-XIX, suas expressões históricas, culturais e naturais, foi ainda na mesma década a primeira cidade brasileira a ser reconhecida como Patrimônio Mundial da UNESCO⁷. E foi em um contexto de reforma como propulsora à novos usos dos espaços de um imóvel particular em meio ao casario secular da Rua Direita que foram encontrados os raros desenhos.

⁷ IPHAN. Ouro Preto. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.



Figura 1. Sobrados geminados da Rua Conde de Bobadela. À direita, sobrado onde encontra-se o painel do subsolo. Fotografia: Autor, 2023.

Este mural trata-se de uma camada espessa de argamassa de aproximadamente 168cm de altura por 356cm de largura como um reboco sobre uma parede de pedras emparelhadas, os alicerces da casa. Acredito que o processo de manufatura desta argamassa, – enquanto revestimento –, pode ter sido similar à produção do adobe, um composto de argila, areia, fibras vegetais (palha ou capim), cal e dejetos de animais, seco à sombra e posteriormente ao calor solar (Figura 2). Por ser um sobrado geminado de quatro pavimentos, esta parede em alvenaria é justamente o que une e o que separa seus demais espaços dos cômodos de um imóvel vizinho, o que deve remeter a um período de construção aproximado, se não simultâneo, como exporei mais à frente (Figura 1).

Os elementos parietais são compostos por cenas e figuras zoomorfas, antropomorfas e zooantropomorfas, ou seja, figuras com características e traçados que podem ser associados a elementos animais, humanos e, por último, um desenho constituído de características híbridas. Elementos fitomorfos (plantas, vegetais, florais, etc.), figurações cruciformes e formas lineares também foram notadas, tanto pelos contatos oculares quanto táteis a partir dos cautelosos toques prospectivos às texturas ásperas dos baixos-relevos inscritos na massa terrosa.

Com exceção de algumas delas, as quais aparentam ter sido produzidas por pigmentos negros derivados de processos de queima de materiais de origem vegetal (piroglicos), como o carvão, todas as gravuras foram executadas a partir do movimento e da incisão de um objeto resistente e perfurante contra a camada térrea de aproximadamente 4cm de espessura, concedendo à maioria dos desenhos texturas bem traçadas e definidas, caracterizando-os como baixos-relevos. Segundo o depoimento de Mariza Soares, a hipótese mais plausível até o momento é que as figuras teriam sido confeccionadas por uma espécie de ferramenta de ponta cortante, como uma espécie de buril⁸.

⁸ WERNECK, Gustavo. Enigma em Ouro Preto: estudo aponta origem de mural feito por escravos. *Estado de Minas Gerais*, 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: 266



Figura 2. Fotografia de um ângulo lateral do painel em argamassa sob a luminosidade artificial que o cômodo recebe. Fotografia: Autor, 2022.

Devido ao atual estado de conservação que a argamassa se encontra, percebe-se que, com a progressão de fissuras e da umidade ao longo das décadas e dos séculos, houve o descolamento de uma considerável parte da camada barrosa dos flancos, situação que fez com que inúmeros grafismos das extremidades superiores, inferiores e laterais permaneçam desconhecidos, ocasionando em um processo mais árduo de reconhecimento e contextualização de grande parcela dos demais remanescentes.

Sobre as figurações

A prospecção na argamassa e a produção de imagens digitais foi feita a partir da premissa e do conceito do PTM (*Polynomial Texture Mapping*), técnica não invasiva às figuras, de fácil manuseio e de baixo custo de execução. Esta metodologia consistiu no posicionamento fixo de uma câmera profissional sobre um tripé e na aplicação, experimentação e observação de uma série de fontes de luz (*leds*, exposição ultravioleta à distância e fochos de luz de velas) a partir de diversos ângulos de uma mesma figura, ocasionando em um jogo de produção e inversão de sombras e zonas iluminadas (MUDGE *et al.*, 2006; RIRIS; CORTELETTI, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2017; MYTUM; PETERSON, 2018). Com a vetorização das imagens, a otimização das resoluções e da visualidade através da correção de saturação e alterações cromáticas em *softwares* específicos, como o *Clip Studio Paint*, camadas e texturas dos vestígios gráficos pintados ou incisos na superfície da argamassa antes não notados, ou quase que invisíveis em condições de luminosidades

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/02/28/interna_gerais.1241700/enigma-em-ouro-preto-estudo-aponta-origem-de-mural-feito-por-escravos.shtml. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

naturais e artificiais do espaço, estiveram mais evidentes, sendo identificados com maior facilidade (Figura 3).

Entre as figuras mais visíveis sob os efeitos da aplicação da luminosidade derivada de velas, de *leds* e da exposição solar (natural), trata-se sem dúvidas de uma figuração de atividades que remetem ao cotidiano na África, talvez o desenho que mais destoe da arquitetura e dos rituais cotidianos exercidos na América Portuguesa (BR1). Aqui, por volta de treze figuras antropomorfas agrupadas, trajadas e tanto em pé como aparentemente sentadas, me levaram a perceber um movimento que trazem consigo, seria uma dança ou um festejo? A aparente diferenciação entre algumas das vestimentas pode remeter tanto a uma mescla entre as presenças masculinas e femininas quanto a uma diferenciação social ou hierarquização apoiada na indumentária. Ao redor do que aparenta ser um pátio onde encontra-se o aglomerado de pessoas, pode-se perceber os outros desenhos inscritos à semelhança de uma árvore (à esquerda), uma muralha circundando e edificações similares a torres com motivos de tabuleiros (quadriculados), todos produzidos pelas percussões e raspagens mais e menos invasivas às camadas da argamassa⁹.

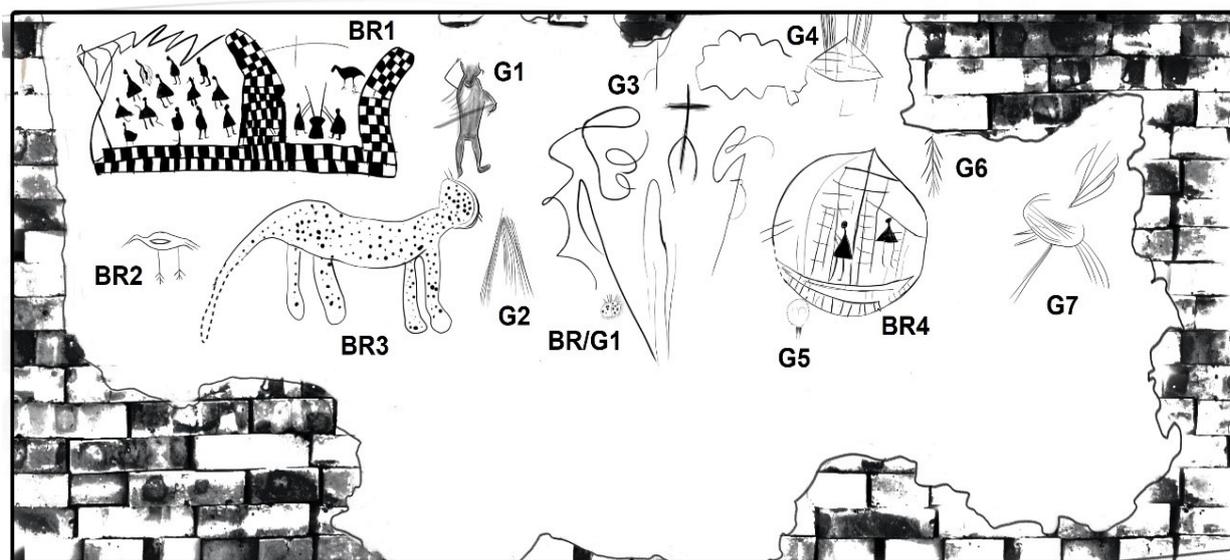


Figura 3. Epigrafia inicial dos alicerces, do painel (ao centro) e de alguns dos baixos-relevos (BR), grafites (G) e baixos-relevos com grafites (BR/G) vetorizados até o momento. Confecção: Autor; Caroline Ferreira, 2023.

Separados pela “torre” ao lado (direita), a figuração de uma ave compartilha a cena com os traçados incisos de outros dois seres antropomorfos (BR1). Seriam estes seres mulheres em uma atividade em conjunto para a moagem de alimentos a partir dos contatos entre o pilão, grãos e o almofariz?

Abaixo destas últimas estão outros zoomorfos: uma ave que muito se assemelha ao íbis (espécie dispersa por grande parte dos territórios africanos) produzida pelas precisas raspagens e, uma figura felina de grandes proporções e visibilidade em relação a qualquer

⁹ Estruturas arquitetônicas com tipologias e padrões similares a estas descritas podem ser encontradas atualmente entre os Batammariba no Togo e no Benin com suas “fortificações domésticas” (Tata Somba), em regiões entre a Nigéria e Camarões e, entre o povo Kassena em Burkina Faso, país africano em fronteira com territórios como os atuais Benin, Togo, Gana, Costa do Marfim, etc. (NAVARRO *et al.*, 2020; MIGUEL *et al.*, 2022).

outra do painel (BR2 e BR3). Devido a proliferação de pintas distribuídas ao longo de todo o corpo do possível mamífero, pode ser associado – ao menos no “quesito forma” e não na intencionalidade – a um leopardo, um guepardo, uma onça ou uma chita.

Entre os seis baixos-relevos identificados até o momento, há na lateral direita do mural, quase que em contato com uma área danificada pelo descolamento do reboco, o vestígio de uma composição figurativa de duas pessoas a bordo do convés de uma embarcação marítima ou fluvial (BR4). Esta figuração constituída por traços descontínuos diz respeito a uma estrutura de pequeno porte à velas de no máximo dois mastros. Não há como afirmar que as dimensões do casco, a quantidade de mastros e as velas içadas cravadas no barro a partir dos traços finos sejam características suficientes para indicar sua incompatibilidade com os usos oceânicos, visto que os pequenos veleiros poderiam ser utilizados tanto para a navegação em águas mais rasas em caminhos mais estreitos em Minas Gerais, quanto para o alto-mar circundando as costas africanas. Um entre estes exemplos pode ser encontrado em uma litografia denominada “*Sabará*” publicada na década de 1830 por Rugendas, a qual expõe canoas e veleiros semelhantes navegando pelo Rio das Velhas nas redondezas de Sabará/MG (RUGENDAS, 1835, s./p.).

Mais adiante está sem dúvidas um dos mais intrigantes personagens da parede (G1). Trata-se de um grafite zooantropomorfo constituído por atributos físicos como um par de chifres, uma boca semiaberta expondo uma arcada dentária avantajada e um bom delineamento dos membros, como a cabeça, braços, pernas e pés preenchidos com pigmento negro¹⁰. Integrando o eixo central e o flanco direito do que restou do painel estão elementos cruciformes, geométricos e não-figurativos curvilíneos já com inúmeras falhas e imperfeições na pigmentação (G2, G3, G4 e G7), além de uma figuração com detalhes que a torna muito semelhante às máscaras africanas (G5). Nesta disposição, outro elemento faunístico inciso marca presença, desta vez, de maneira mais sutil em relação aos demais. Este baixo-relevo combinado ao grafite semiesférico apresenta pequenas manchas espalhadas internamente e curtos traços como pequenas “cerdas” circundando-o. Este acúmulo de atributos o torna muito semelhante aos insetos coleópteros, sendo o mais conhecido deles denominado popularmente como “joaninha” (BR/G1).

Enquanto a mesma técnica, padrões e formas que os personagens desenhados podem sugerir a uma produção do(a) mesmo(a) agente (cenas e figuras BR1 e BR4), as posições mais centralizadas dos grafites ou piroglifos à base vegetal escura utilizada como um “lápis” pode denotar a um período de produção precursor em relação aos demais que os cercam. Esta parede recebeu possivelmente os desenhos de ao menos três sujeitos com acessos diretos ou indiretos à diferentes recursos materiais ao longo das inúmeras gerações de ocupantes que a casa acolheu. Devido às dimensões do painel, não se pode desconsiderar que a medida de 168 cm tenha definido em algum momento não somente a sua altura, mas a deste espaço, desaterrado provavelmente ao longo do século XX para servir à novos propósitos. Seguindo esta perspectiva, considerando que ao menos alguns grafismos tenham sido produzidos em um período antecessor ao desaterro do porão, os indivíduos estariam

¹⁰Vestimentas similares podem ser encontradas dispersas e reproduzidas pelo continente africano atreladas a rituais “xamânicos” até os dias de hoje. A meu ver, se assemelham a três seres e entidades bem características do antigo Reino do Daomé na África Ocidental: 1) os mascarados *Zangbeto* (caçadores da noite) associados à proteção dos quarteirões e de seus residentes, em Abomé (BLIER, 1991). 2) À figura mitológica de um guerreiro denominado de *Daghessou*, que segundo à tradição daomeana e como foi retratado nos baixos-relevos do palácio de *Glélé*, possuía pelagem negra, cabeça de animal com chifres e cuspiu fogo, elemento de evocação do relâmpago de uma entidade *Fon* (PIQUÉ; RAINER, 1999, p. 66). 3) *Sò Bragada*: figura de um “fetiche” com cabeça ou máscara de boi com chifres e vestimenta de palha ou fibras de bambu alcançando até os pés, podendo estar atrelado ao *vodun* do trovão (BURTON, 1864, p. 15; PARÉS, 2016).

arcados, sentados ou até mesmo deitados com ao menos uma fonte de luz durante as gravações na parede, o que pode explicar a prevalência de desenhos no trecho mais elevado da superfície do painel. A pergunta que fica: como a história de vida da casa pode auxiliar o alcance a quem pertenceu estas mãos na parede?

Vidas da casa (séculos XVIII-XIX)

Censos de populações foram incumbidos de registrar e listar os moradores das vilas, seus distritos e redondezas, enumerando-os conforme o recenseador vagava pelas vias centrais e mais longínquas. Partindo da premissa de que as listagens apresentam os nomes dos proprietários e habitantes da “*Rua Direita, que principia na ponte do Ouro Preto até a praça*” e a tipologia de seus domicílios entre imóveis “térreos” e “sobrados”, pude identificar alguns dos possíveis moradores e membros de grupos domésticos que ao menos transitaram entre as paredes e portas do sobrado das gravuras¹¹.

Durante o período de intervenções à configuração espacial doméstica do segundo pavimento do sobrado, um maço de documentos foi encontrado. Estes documentos retirados do interior de uma parede em alvenaria de taipa de mão (pau-a-pique) tratam-se, de modo geral, de recibos e declarações de gastos redigidas em português e em italiano endereçadas à “*Directoria da Secretaria das Finanças do Estado de Minas Geraes*” e à “*Agencia do Banco Credito Popular de S. Paulo*” e, um cartão postal de Ano Novo (sem data)¹². A maioria destes registros endereçados e assinados em nome de Alfonso Danise foram produzidos entre as décadas de 1890 e 1900. Uma hipótese acerca do processo de inserção destes documentos em uma das paredes e sobre este personagem seguem em andamento.

Ao caminhar pela Rua Conde de Bobadela, me atentando às arquiteturas do casario e seus limites sobre os lotes, notei a presença de poucas propriedades térreas. Estas poucas aparições também estiveram presentes nas menções de tipologias registradas na documentação sobre esta rua, embora com algumas discrepâncias. Mesmo que a dinâmica arquitetônica de hoje não corresponda às mesmas mencionadas pelos censos séculos atrás, as poucas “substituições” de térreas por sobrados, ou vice-versa, serviram como espécies de “guias” no processo de localização dos moradores e proprietários do singelo sobrado de quatro pavimentos (Tabela 1).

Considerando que uma entre as casas vizinhas ao sobrado fora citada em 1812 e no imposto da Décima Predial de 1820 enquanto patrimônio da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e, moradia do Padre José Caetano da Costa, os sobrados geminados ao lado seriam respectivamente posses ou moradias de D. Francisca Custódia do Pillar e de D. Ana Joaquina Felícia (VASCONCELOS, 1955)¹³.

Tabela 1. Relação de moradores e proprietários de residências em um trecho da Rua Direita, segundo a Décima Predial de 1820.

Nº:	Morador/proprietário:	Tipologia:
661	Mariana Gomes, preta mina forra	Térrea
660	Capitão Manuel Marques Ribeiro	Sobrado

¹¹ No intuito de preservar os termos e as expressões retiradas das documentações produzidas ao longo dos séculos XVIII e XIX, optei por reproduzi-las mantendo suas grafias, destacando-as com aspas e itálico no decorrer do corpo do texto.

¹² Estes documentos estão atualmente sob a guarda dos proprietários da residência.

¹³ Décima Predial de Vila Rica. Volume: 0368, Rolo: 037, Fotograma: 0268, Ano: 1820. Documento Microfilmado do acervo da Casa dos Contos – Ouro Preto/MG.

659	Sargento-mor Manuel Pinto Lopes	Sobrado
658	Tenente-Coronel Antonio da Cruz Machado	Sobrado
657	João Caetano da Costa	Sobrado
656	Manuel Teixeira de Souza	Sobrado
655	Ignacio (continuação ilegível)	Sobrado
654	Casa do Patrimônio da Ordem 3ª do Carmo	Térrea
653	D. Francisca Custódia do Pillar	Sobrado
652	D. Ana Joaquina Felícia	Sobrado
651	Capitão Manuel José Monteiro de Barros	Sobrado
650	Tenente-Coronel Nicolau Soares do Couto	Sobrado

Fonte: Fundo do acervo documental microfilmado da Casa dos Contos (Ouro Preto/MG).

Ao cruzar os dados provindos das listas nominativas (1804 e 1838) e das listagens dos livros de pagantes e devedores dos aforamentos da vila entre as décadas de 1760-1820, não foi possível encontrar Francisca Custódia, sua vizinha Anna Joaquina e grande parte dos habitantes recenseados listados acima¹⁴. Argumento que tais ausências podem sugerir que mesmo os sobrados da Rua Direita, tipologias que foram e são descritas pela bibliografia como sinônimos do luxo e da diferenciação social, estiveram por muitas décadas envolvidos em uma complexa rede de rotatividade de proprietários e inquilinos, algo que pode ter conferido às casas diferentes usos domésticos e comerciais com o passar dos anos. Em dados momentos, por extratos sociais mais abastados, em outros, por grupos domésticos de menores poderes aquisitivos.

Em um documento sem data de confecção, o nome de Francisca compartilhou a mesma numeração de matrícula do domicílio de Verissimo Dias Teixeira¹⁵. Mediante uma busca onomástica e um aprofundamento na documentação dos aforamentos de Vila Rica, localizei o nome deste homem registrado no dito domicílio entre os anos de 1773-1806, o que pode indicá-lo como um morador do imóvel em um momento anterior à D. Francisca. Até o momento não identifiquei mais nenhuma informação sobre este sujeito que pode ser um dos primeiros entre os inúmeros moradores deste sobrado da Rua Direita.

Neste mesmo registro de toda a freguesia de Vila Rica, sem data de confecção, Anna Joaquina Felícia compartilhou sua inscrição com Custódia da Costa Braga, moradora do domicílio vizinho ao de Verissimo/Francisca Custódia entre os anos de 1769-1808 (Figura 4)¹⁶. Pelo fato de ambas as casas compartilharem as paredes e estruturas do subsolo, do térreo e do piso nobre (com exceção da camarinha/mirante), pode-se considerar até o momento o ano de 1769 como o período de datação mais longínquo da presença de ambos os sobrados contíguos da Rua Direita.

¹⁴ Enquanto a lista nominativa de 1804 foi consultada a partir de Mathias (1969), um censo produzido no ano de 1812 foi localizado em Vasconcelos (1955, p. 171-232) e outro confeccionado em 1838 foi consultado a partir das transcrições presentes na plataforma Poplin – Minas 1830 (CEDEPLAR).

¹⁵ Parte do livro 1º de cobrança de foros de toda a freguesia de Vila Rica constando nome das ruas, moradores e respectivos valores. CMOP, caixa: 86, Doc.: 40, Acervo: Câmara Municipal de Ouro Preto. Arquivo Público Mineiro.

¹⁶ Parte do livro 1º de cobrança de foros de toda a freguesia de Vila Rica constando nome das ruas, moradores e respectivos valores. CMOP, caixa: 86, Doc.: 40, Acervo: Câmara Municipal de Ouro Preto. Arquivo Público Mineiro.

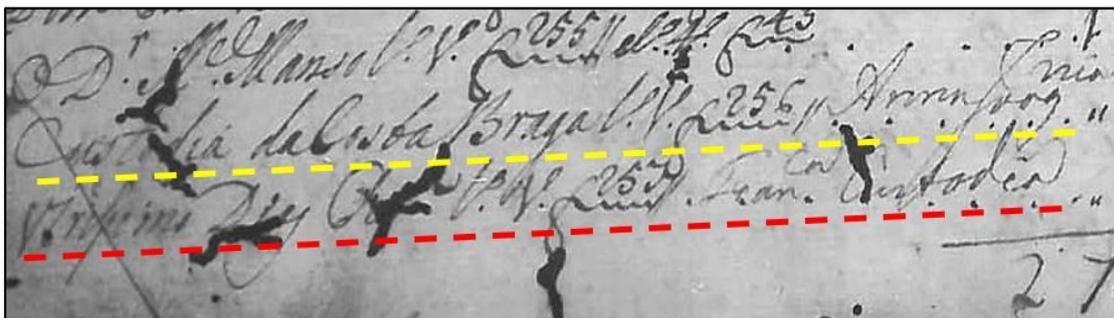


Figura 4. Em destaque: menção aos domicílios de Anna Joaquina (amarelo) e Francisca Custódia (vermelho) em um dos documentos de aforamentos. Sem data. Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Além destas listagens nominativas, outros dois documentos foram cruciais para a associação de Francisca Custódia como moradora e proprietária do sobrado. A respeito do primeiro, em seu inventário datado de 1844, um imóvel na Rua Direita n° 20 foi registrado entre a listagem e partilha de seus bens¹⁷. Já no segundo, datado de 1793, Custódia do Pillar surgiu como autora de uma notificação onde alegou ter arrematado justamente um sobrado na Rua Direita da Casa da Câmara com seus pertences de D. Micaella Clara da Visitação, viúva do Ajudante Caetano Francisco da Costa (inventariado em 1788)¹⁸.

Com a premissa da menção deste novo nome, migrei a atenção à localização e investigação ao inventário *post-mortem* de Caetano Francisco da Costa, onde verifiquei uma propriedade de casas citas na Rua Direita desta mesma vila no valor de 340\$000 (lê-se trezentos e quarenta mil Réis), “[...] *que partem com casas de Nossa Senhora do Carmo em que mora o Capitam Antonio Jose de Abranches com casas de Anna Joaquina vistas e avaliadas pellos louvados do concelho (?) carapinas e pedreiros abaixo assignados [...]*”¹⁹.

A continuidade no processo de levantamento de outras categorias de fontes e as análises mais apuradas às documentações permitirão um melhor aprofundamento da trajetória da casa e dos grupos de sujeitos e gerações que a habitaram, porém, quatro hipóteses puderam ser produzidas de maneira preliminar. 1) Ao menos o suposto italiano Alfonso Danise seria um dos moradores do até então desconhecido grupo doméstico do sobrado entre as décadas de 1890-1900; 2) a propriedade foi adquirida por D. Francisca Custódia de algum membro da família de Caetano Francisco da Costa no início da década de 1790, tornando-se sua residência de meados da década de 1810 até o ano de 1844, período da produção de seu inventário *post-mortem*. A partir deste ano, em específico, o sobrado estaria em posse de três de seus herdeiros. 3) Entre as décadas de 1770 e 1800 a casa permaneceu como moradia do inquilino Verissimo, e, 4) a residência foi edificada na década de 1760 por Caetano Ferreira da Costa, permanecendo em sua posse até o final da década de 1780.

¹⁷ Inventário *post-mortem* de Francisca Custódia do Pillar. CX: 48, DOC.: 585, Ano: 1844. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

¹⁸ Notificação Francisca Custódia do Pillar (autor). CX: 422, DOC.: 8487, Ano: 1793. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

¹⁹ Inventário *post-mortem* de Caetano Francisco da Costa. CX: 29, DOC.: 328, Ano: 1788. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

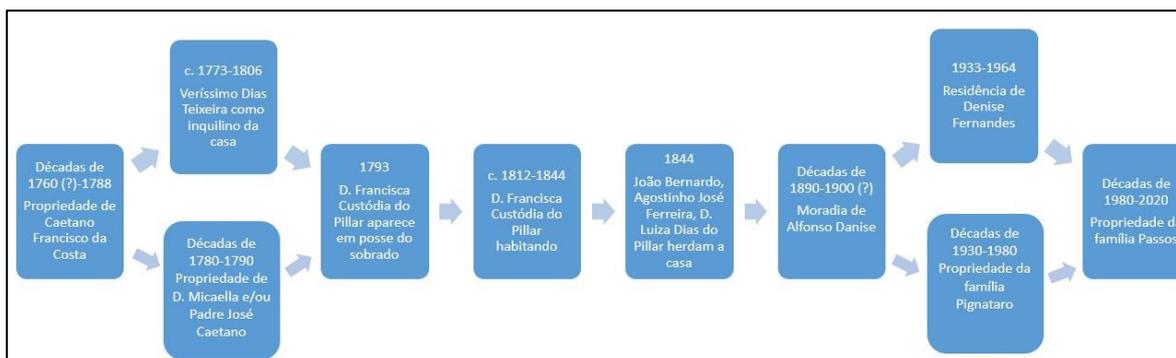


Figura 5. Fluxograma da cronologia estimada de algumas das gerações que abrigaram ou estiveram em posse do sobrado (séculos XVIII-XXI). Fonte: Autor, 2023.

Sujeitos de nações em Vila Rica e na Rua Direita

Por fornecerem pistas e perspectivas a respeito dos ocupantes das propriedades através do registro de acumulações de dívidas (ativas e passivas) e da listagem esmiuçada do patrimônio mantido em seus últimos momentos de vida (bens de raiz, semimóveis, cativos, etc.), os inventários *post-mortem* foram fontes cartorárias de extrema importância ao processo de dedução dos possíveis moradores livres e das procedências de escravizados que conviveram entre os espaços e paredes da propriedade. Devido às “lacunas” e limites naturais derivados principalmente destes aportes documentais, expandi meu eixo de análise buscando identificar também em arrolamentos e listagens nominativas, quais os cativos que podem ter habitado não somente o sobrado, mas que possivelmente compuseram alguns dos principais domicílios da Rua Direita entre os séculos XVIII e XIX.

Além do mobiliário e da prataria arrolada entre as humildes posses de Francisca Custódia ao fim de sua vida, estava um cativo “*de nome Raimundo Crioulo de sessenta e seis anos*” avaliado em 500\$000 (lê-se quinhentos mil réis), o qual foi herdado posteriormente por D. Maria da Graça²⁰. Décadas antes, cerca de quatro homens e cinco mulheres foram registrados durante o inventariado do Ajudante Caetano Francisco da Costa. Entre a diversidade de “*qualidades*” imputadas aos escravizados, matriculou-se o “*crioulo*” Jose, Joaquim e o “*muleque*” Miguel ambos de “*nação angolla*”, uma “*preta muito velha*” de nome Lurdes (?) e Maria ambas de “*nação mina*”, a “*parda*” Anna e sua filha “*molatinha*” Feleciana, a “*mulata*” Polianna (ou seria Julianna?) e, por fim, Joaquim enquanto “*Nação banguela*” (alusão ao porto de Benguela na África Centro-Occidental)²¹.

Cabe pontuar que estas designações como “*Nações*” presentes principalmente em inventários, assentos de batismos e registros de óbitos, pouco se relacionavam com a procedência étnica dos escravizados ou como se referiam anteriormente nas comunidades africanas. Tratou-se estrategicamente de um meio de categorização e agrupamento de africanos e afro-brasileiros por autoridades (mercadores, escrivães, etc.), partindo de

²⁰ Inventário *post-mortem* de Francisca Custódia do Pillar. CX: 48, DOC.: 585, Ano: 1844. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

²¹ Inventário *post-mortem* de Caetano Francisco da Costa. CX: 29, DOC.: 328, Ano: 1788. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

Destaco que as presenças de cativos em meio às matrículas de listas nominativas e inventários *post-mortem* não implicam em considerá-los constituintes dos grupos domésticos, visto que poderiam abrigar propriedades campestres ou até mesmo casas urbanas e chácaras (KLINK, 2023, p. 122).

designações genéricas popularizadas e compartilhadas socialmente que mesclavam algumas das características físicas e comportamentais, línguas e dialetos, ascendências, localidades (portos, fortalezas como o Castelo de São Jorge da Mina, etc.), alguns reinos e mercados onde eram comercializadas estas pessoas (PAIVA, 2023, p. 255-256). O termo “*muleque*” manifestado na documentação acima pretendia aludir à garotos e homens negros com as idades entre seis e trinta anos, enquanto a referência pejorativa “crioulo” remetia por via de regra à cativos nascidos no Brasil e em colônias portuguesas e, “pardos” e “mulatos” enquadravam principalmente na Bahia e em Minas Gerais a sujeitos que descendiam de pais europeus com africanos e/ou de já mestiços (KARASCH, 2000, p. 37-38; PAIVA, 2023, p. 257). Alguns autores enfatizam que estas designações tendiam a ser incorporadas por uma parcela dos escravizados, na intenção de estabelecer e estruturar relações, inserir ou excluir sujeitos a/de diferentes grupos e redes de apoio, como difundir narrativas de origens (SOARES, 2000; RODRIGUES, 2020).

Segundo os dados que Bergad apresenta, houve um predomínio de escravizados “*minas*” entre meados das décadas de 1720 e 1730 em Minas Gerais, havendo a intensificação do comércio de cativos provindos do Sudoeste africano após a década de 1750 (BERGAD, 1999, p. 228-229). Segundo o mesmo autor, enquanto a região da Angola se sobressaiu sobre as demais já ao início do século XIX, o predomínio de Benguela ocorreu aproximadamente entre as décadas de 1780 e 1830 (BERGAD, 1999, p. 229-230).

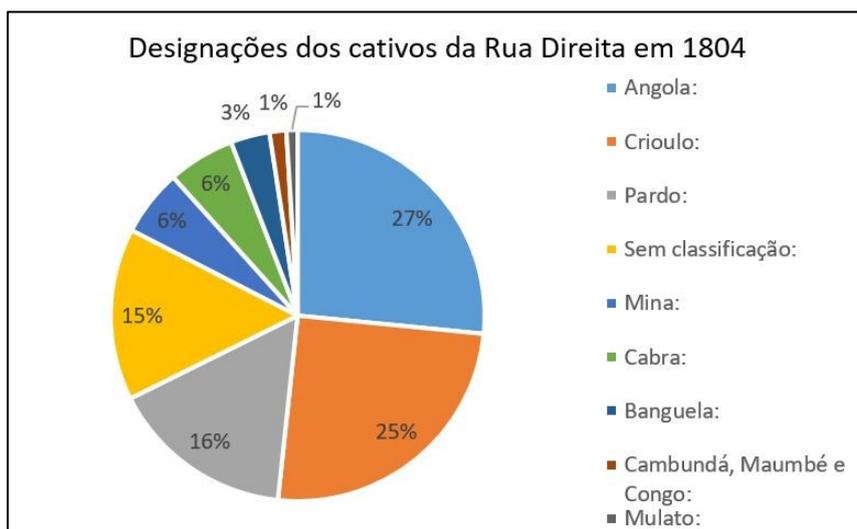
No caso de Mariana/MG, município próximo de Ouro Preto, Rodrigues detectou que entre os testamentos produzidos por volta dos anos de 1732-1760, a Macro-região Ocidental compôs 69,4% da quantidade total de cativos traficados sobre as regiões Centro-Ocidental e Oriental, predominando em 74,1% a presença da nomenclatura Mina sobre os demais sujeitos deportados também da África Ocidental (RODRIGUES, 2020, p. 331-332).

A partir dos inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto, Rangel notou que durante o subperíodo 1755-1775 prevaleceu a procedência de cativos traficados da África Ocidental (61), mais especificamente os minas (43). Enquanto isso, no decorrer do segundo subperíodo (1785-1815), estes sujeitos foram trazidos principalmente da África Centro-Ocidental (171), de regiões de embarque como Angola (80), Benguela (57) e Congo (17) (RANGEL, 2005). Portanto, duas das maiores áreas comerciais das costas africanas em posses portuguesas no século XVIII, a Costa da Mina e os portos situados entre os reinos do Congo e Angola (SOARES, 2000, p. 51; FARIAS; SOARES, 2017, p. 46-47). Sobre estas predominâncias, Paiva sugere que enquanto nos portos de Salvador desembarcavam predominantemente africanos provenientes da Costa da Mina, uma parcela menor de Congos e Angolas alcançavam Minas Gerais por rotas de origens fluminenses (PAIVA, 1999, p. 112-113).

Ao ter acesso à listagem nominativa de 1804, Resende verificou que dentre os 1047 escravizados em posse dos moradores de Vila Rica, 36,5% eram provenientes da África Centro-Ocidental, enquanto 36,88% estiveram imputados na classificação de mestiços (crioulos, mulatos, cabras, pardos, etc.) e 5,54% como da região Ocidental (REZENDE, 2006, p. 81). O autor chama a atenção ainda nesta fonte consultada à ausência de escravizados de origem Oriental africana e à predominância de angolas sobre os minas. Em Vila Rica no ano de 1804 os cativos destas duas regiões majoritárias foram declarados como sudaneses com 15,3% dos registrados sobre os 84,7% repartidos como bantos (LUNA; COSTA, 2009, p. 24-25). De maneira decrescente, indivíduos de maiores percentuais foram designados como Angola (757), Mina (165), “Bengala” (117), Congo (36), Rebolo (21) entre outros (LUNA; COSTA, 2009, p. 25).

Ao focalizar a atenção na rua que “*Principia do canto do Largo do chafarís Subindo pela Rua Direita te a Praça*” ainda neste recenseamento, pode notar que a maioria dos cativos pertencentes aos moradores desta via foram designados por seus proprietários como “*angola*”, seguidos de modo decrescente de “*crioulos*”, de “*pardos*”, de ausentes de mais informações, de “*minas*”, de “*cabras*”, de “*banguelas*”, de “*Cambundás/Maumbés/Congos*” e, por fim e em menores proporções, de “*mulatos*” (MATHIAS, 1969) (Gráfico 1).

Gráfico 1. Designações de cativos da Rua Direita a partir do recenseamento de 1804.



Fonte: documentação consultada a partir de Mathias (1969).

Forros e forras estiveram abrigoando domicílios na Rua Direita tanto como agregados quanto na “*chefia*” de fogos (domicílios), com maior incidência de “*crioulos*” sobre (6 homens e 5 mulheres) os ausentes de mais informações (4 homens e 1 mulher), os “*pardos*” (1 homem e 1 mulher), um homem “*cabra*” e uma “*Mina*” forra (Gráfico 2).

Gráfico 2. Percentual referente à presença de forros e forras na Rua Direita, a partir do recenseamento de 1804.



Fonte: documentação consultada a partir de Mathias (1969).

Ao que foi possível conjecturar, homens e mulheres livres, africanos traficados a partir de portos de embarque Ocidentais e Centro-Ocidentais e seus descendentes foram detectados enquanto moradores e agentes circulantes no sobrado da Rua Direita, implicando na possibilidade de terem significado de maneiras próprias alguns de seus espaços em detrimento a outros, cruzando em dado momento suas trajetórias de vida com a história do mural e suas inscrições.

Reconheço que a produção destes levantamentos a respeito da diversidade de africanos e crioulos escravizados e libertos na Rua Direita recai em uma tendência generalizante e homogeneizante, dado que as presenças ou os maiores percentuais de sujeitos de determinadas origens ou procedências em relação a outros não indique necessariamente maiores chances de elos destes com a produção de alguns dos desenhos do mural. Em todos os casos, trata-se de um recurso empregado com a finalidade de promover uma ampliação do escopo de análise, viabilizando o rastreio e a identificação onomástica destes homens, mulheres e crianças que podem estar não atrás da produção destes traços, mas à frente, com suas mãos na parede.

Áfricas em traçados?

Das gravuras produzidas por Johan Moritz Rugendas entre as décadas de 1820 e 1830, há uma em especial que chamo a atenção. No canto inferior esquerdo de um Mercado de negros (“*Marché aux nègres*”) não referenciado pelo autor, avista-se em um dos planos um grupo de quatro rapazes cativos provavelmente recém desembarcados no porto. Seus interesses momentâneos foram manifestados pelos olhares fixos a um dos cantos (Figura 6). A peculiaridade na cena está justamente na ação de um entre estes meninos, o qual pode ter gravado ao menos três imagens antropomorfas na parede (rostos em perspectivas de perfil e frontal) e ainda grava uma estrutura marítima ou fluvial de três mastros, muito similar ao baixo-relevo com que me deparei no subsolo do sobrado de Ouro Preto²².

²² Sobre esta gravura, Schwarcz e Gomes descrevem: “Rugendas procura representar o mercado como um ambiente calmo e de “negócios”. O senhor examina os africanos, alguns escravizados comem, outros descansam. Mais à esquerda, um cativo deixa registros nas paredes, quem sabe uma maneira de anotar e guardar suas próprias memórias” (SCHWARCZ; GOMES, 2018, s./p.). Agostini chama a atenção mais precisamente ao suposto rosto de um homem de bigode fino em traços alongados desenhado na parede deste mesmo mercado retratado, aparentando possuir uma espécie de touca ou turbante na cabeça, motivos e características deparadas por ela ao analisar coleções arqueológicas de cachimbos (AGOSTINI, 2009, p. 42-43).

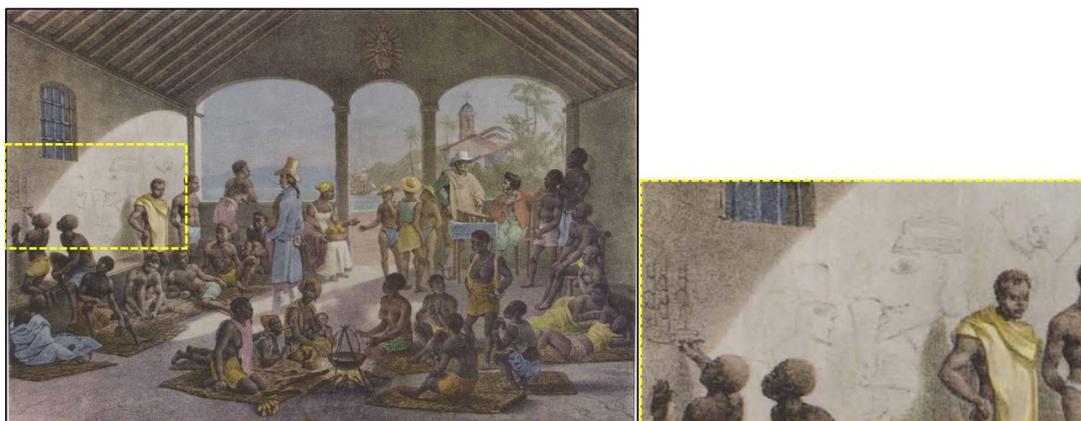


Figura 6. *Marché aux nègres* e pormenor, c. décadas de 1820-1830. Fonte: RUGENDAS, 1835, s./p.

Do ponto de vista de Maringoni, a obra é uma interpretação de Rugendas:

[...] de algo notado nos primórdios do século XIX, em uma ex-colônia inóspita e infecta ao sul do Equador. O desenho do negro não existe. Seria uma peça única, que deve ter durado um tempo breve. Muito provavelmente a parede tenha virado pó, juntamente com o edifício. Os rabiscos só existem e subsistem porque um dia existiu um Rugendas que pintou a cena, levou o resultado a uma casa de litografia – a Engelmann, de Paris [...] e a reproduziu às centenas, na luxuosa primeira edição de sua *Viagem pitoresca através do Brasil* (MARINGONI, 2016, 382).

No entanto, outras figurações similares em contextos relacionados foram encontradas em outras localidades, sendo apenas algumas destas mencionadas por Guimarães e Lanna (1980), Guimarães (1992) e Castro (2006). Trata-se de um painel contendo pinturas rupestres situadas no teto de um abrigo do Sítio Quilombo da Cabaça nas proximidades de Diamantina/MG. A identificação do grafite de um navio a vela com um sujeito pescando em sua proa, do transporte de um sujeito pelo “banguê”, de indivíduos montando animais variados e “cenas de combates” com arcos e flechas, lanças e armas de fogo atrelados ao contexto do sítio a uma distância de 420km do mar, levou os autores à interpretá-la não como uma pintura pré-histórica indígena, mas enquanto um registro de origem setecentista ou oitocentista confeccionado por quilombolas negros ou de ascendência europeia (GUIMARÃES; LANNA, 1980; GUIMARÃES, 1992; CASTRO, 2006)²³.

Enquanto a “guerra” referida pelos autores remeteria à repressão de capitães do mato ao quilombo ainda durante o século XVIII, o “banguê” estaria indicado como transporte de sujeitos brancos ou de mortos e, o navio de três mastros com velas recolhidas estaria envolvido com o processo de captura e transporte de cativos da África ao Brasil, sugerindo que suas avantajadas proporções não seriam condizentes com as dimensões dos trajetos ao longo dos rios mais próximos do sítio (GUIMARÃES, 1992, p. 214-215)²⁴.

²³ De acordo com Castro, o casco, o velame, as vergas e os mastros registrados na pintura rupestre podem indicá-la como uma representação de um navio “carangueja” produzido após a data de 1770, período que a arquitetura naval sofreu uma alteração visível em sua estrutura (CASTRO, 2006, p. 57-59).

²⁴ Os autores também chamam a atenção aos detalhes de um painel localizado na Serra da Garatuja (município de Datas/MG). Segundo a tradição oral, tais pinturas rupestres em pigmentos avermelhados teriam sido confeccionadas por cativos e representariam, segundo os mesmos autores, vestígios de aculturação a partir de

Minha intenção atual é a de ir além da associação dos grafites e baixos-relevos a meros símbolos passíveis às leituras de seus sentidos ao serem “desvendados”, ou mesmo de tratá-los enquanto uma linguagem gráfica. Mesmo que em alguns destes desenhos não seja possível uma dissociação em relação às possíveis narrativas de trajetórias no além-mar, o termo “registro” (associado à memória e rememoração) foi evitado. Muito pouco ainda se tem mapeado e produzido acerca das maneiras as quais os sujeitos traficados das Costas africanas materializavam o universo imaginário, transmitiam ideias, histórias e afetos após as travessias afro-diaspóricas.

Acerca da forte presença da categorização “*Mina*” na documentação, este contingente de sujeitos embarcados na Costa dos Escravos na África Ocidental formou-se e foi traficado aos principais portos brasileiros como consequência da captura derivada de conflitos intrafamiliares, estratégias políticas, conquistas de portos/mercados, expansões territoriais, “quedas” de reinos e guerras travadas pelo Reino do Daomé no início do século XVIII (SOARES, 2000).

Este reino em especial possuiu uma tradição de produção de baixos-relevos em muros, paredes e fachadas de palácios e templos *voduns* que foi amplamente documentada e preservada. Enquanto que em outras produções em barro, como as cerâmicas e as estatuetas predominavam a manufatura feminina, estes baixos-relevos (*bas-reliefs*) eram moldados por homens artesãos (PIQUÉ; RAINER, 1999, p. 53). Navios, animais (aves, felinos, primatas, répteis etc.), criaturas míticas, emblemas, objetos sacralizados, cenas de combates e de conquistas estão entre os pictogramas utilizados pela monarquia para glorificar e promover principalmente as dinastias e o poder real. Maneira que a realeza usufruiu para registrar, codificar, comunicar, omitir e perpetuar visualmente suas histórias, seus rituais, suas lendas e a memória coletiva (PIQUÉ; RAINER, 1999; PARÉS, 2016).

Já entre os Bakongo, localizados na África Central, a expressão visual e o sistema gráfico foram utilizados constantemente como ideogramas, pictogramas e cosmogramas ao tecerem interações com o mundo das forças espirituais e dos ancestrais. Ao serem pintados no chão, em paredes, em lugares sagrados, em instrumentos musicais, em colares e em têxteis, tinham o propósito de promover a cura e também atuar como meios de preservação e transmissão dos sistemas de crenças, de suas mitologias, de memórias, de suas histórias e de normas que regiam as instituições políticas e econômicas locais (MARTÍNEZ-RUIZ, 2013).

Padrões e expressões gráficas similares às de Ouro Preto/MG podem ser localizados em gravuras e na cultura material africana, da mais antiga à mais atual. Estou convencido de que é muito mais viável conduzir as investigações a estas figurações em grafite e em baixos-relevos enquanto artifícios os quais permitiram seres humanos a significar e se apropriar daquele espaço escuro, tornando-o “mais seus”, do que permanecer unicamente em uma busca à tradições gráficas semelhantes ao longo das Costas africanas entre os séculos XVIII e XIX. Afinal, não é novidade que os seres humanos gravaram suas experiências coletivas e individuais em paredes. Além do mais, a aparente ausência de tentativas como “esboços guias” durante a confecção de formas próprias na parede pode se relacionar à especialização da mão-de-obra. Em Minas Gerais, diversas práticas artesanais e manuais como os ofícios da metalurgia, mineração, construção, alfaiataria, costura e carpintaria eram exercidas e mediadas por cativos e libertos que conduziam de maneira hábil pequenas ferramentas em contatos precisos com matérias-primas delicadas a seus impactos.

um altar católico, um elemento cruciforme e um rito de dança executado por indivíduos trajados (GUIMARÃES; LANNA, 1980, p. 160, 164).

No caso de uma produção exclusivamente africana, estas “lembranças” podem ter alcançado o interior de Minas Gerais entre os séculos XVIII ou XIX com sujeitos capturados e embarcados na África, perpassando pelos principais portos brasileiros, pelas etapas alfandegárias e pelas árduas rotas fluminenses ou baianas até Vila Rica. Na perspectiva de uma agência crioula, alguns dos grafismos podem ter aludido à uma narrativa que ouvira de parentes, companheiros de cativo ou nas ruas, afetando-o a ponto de registrar para não esquecer ou, como dito acima, para tornar aquele espaço mais agradável, um lugar de superações às adversidades cotidianas.

Considerações Finais

Neste primeiro contato, partindo desta produção inaugural, não foi possível evidenciar referências figurativas a contextos de conflitos escravagistas e do tráfico Atlântico entre os elementos e suas possíveis “narrativas” cravadas no mural. Mesmo o baixo-relevo apresentando sujeitos sobre um velame, pode aludir muito mais às estruturas marítimas ou fluviais de pesca, de comercializações intercontinentais ou, simplesmente, de deslocamento entre águas do que a um navio negreiro ou à *kalunga* de fato. Entendo que grande parte dos grafites e baixos-relevos figuram cenas cotidianas conexas e isoladas que remetem à fauna, à flora e às experiências sociais e culturais com fortes teores de influências africanas.

Além dos registros na parede, cabe pontuar que marcas e traços étnicos africanos, da escravidão e de suas resistências nos domínios portugueses estiveram também presentes e suportados à níveis tangíveis em esculturas, fornilhos de cachimbos, vasilhames cerâmicos e nos próprios corpos enquanto escarificações, sendo amplamente abordados em pesquisas nos campos da Arqueologia Histórica (ver AGOSTINI, 1997; SOUZA; AGOSTINI, 2012; SYMANSKI; HIROOKA, 2013).

Longe de ter uma resposta conclusiva com o levantamento e a exposição destas informações, centrei-me aqui em uma produção exploratória, ainda que tímida, constituída por algumas indagações e reflexões preliminares, direcionadas às fontes as quais permitiram momentaneamente somente vislumbres acerca das trajetórias dos possíveis agentes sociais que podem ter materializado suas criatividades em um reboco de uma casa situada entre uma das principais ruas da antiga Vila Rica.

Atualmente, o empenho situa-se em analisar mais detalhadamente cada desenho do painel, em buscar esmiuçar as redes de gerações de moradores da casa, como, também explorar como a configuração espacial desta unidade doméstica alterou-se ao longo de seus mais de duzentos anos de distintos usos e ocupações. Ou seja, notar como as principais “metamorfoses” de sua arquitetura podem ter influenciado nas experiências corporais de diferentes grupos de sujeitos, os quais foram responsáveis por atribuir particulares significados às regiões pouco mais públicas e privadas da casa. A localização de ocorrências de grafismos em contextos similares dispersos por Minas Gerais e em outras regiões é algo a que também venho me dedicando.

No desafio de lidar com a singularidade destes vestígios no Brasil, creio que o aprofundamento pela via de análises mais apuradas, o levantamento de novas fontes e a execução de novas experimentações à superfície do mural e aos espaços do imóvel deverão render respostas mais consistentes a novas questões que, até o momento, são impossíveis de serem respondidas e seguidas aqui. Haveria outras paredes em argamassa desenhadas espalhadas pelo porão? Enquanto registros, seriam estas figurações derivadas de lembranças, sonhos, devaneios ou até mesmo produzidas como meios de conjurar ou acionar

entidades de proteção às calamidades do ambiente de cativo? Estas são algumas das hipóteses e caminhos que serão trilhados e considerados em próximos trabalhos.

Referências

Fontes

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Inventário *post-mortem* de Caetano Francisco da Costa. CX: 29, DOC.: 328, Ano: 1788. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Notificação Francisca Custódia do Pillar (autor). CX: 422, DOC.: 8487, Ano: 1793. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Inventário *post-mortem* de Francisca Custódia do Pillar. CX: 48, DOC.: 585, Ano: 1844.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Parte do livro 1º de cobrança de foros de toda a freguesia de Vila Rica, constando nome das ruas, moradores e respectivos valores. CMOP, caixa: 86, Doc.: 40, Acervo: Câmara Municipal de Ouro Preto.

BURTON, Richard F. *A mission to Gelele, King of Dahome*. Vol. II, London, 1864.

CASA DOS CONTOS. Décima Predial de Vila Rica. Volume: 0368, Rolo: 037, Fotograma: 0268, Ano: 1820. Documento Microfilmado do acervo da Casa dos Contos – Ouro Preto/MG.

CEDEPLAR, POPLIN-MINAS 1830. Lista Nominativa da Comarca de Ouro Preto. Ano: 1838.

MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica, 1804*. Arquivo Nacional, 1969.

RUGENDAS, Moritz. *Malerische reise in brasilien*. Paris, 1835.

VASCONCELOS, Salomão de. Como nasceu Ouro Preto – sua formação cadastral desde 1712. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 171-232, 1955.

Bibliografia

AGOSTINI, Camilla. Cachimbos de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX. Monografia (Graduação em Arqueologia). Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 1997.

AGOSTINI, Camilla. Cultura material e experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi*, vol. 10, n. 18, p. 39-47, 2009.

BLIER, Suzanne Preston. Faces of iron: media, meaning and masking in Danhomé. *Annual Bulletin published by the Association of the Friends of the Barbier-Mueller Museum*, p. 19-41, 1991.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Navios, museus e a resistência negra: o Quilombo da Cabaça como estudo de caso. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 1, Rio de Janeiro, 2006, p. 47-69.

COSTA, Simona. *Economia, sociedade e urbanização em Minas Gerais (séculos XVIII-XIX): Vila Rica, futura Ouro Preto, e a sua rua principal*. Dissertação (Mestrado em História). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017.

FARIAS, Juliana Barreto; SOARES, Mariza de Carvalho. De gbe a iorubá: os pretos Minas no Rio de Janeiro, séculos XVIII-XX. *Revista África(s)*, vol. 4, n. 8, p. 46-62, 2017.

GUIMARÃES, Carlos Magno; LANNA, Ana. Arqueologia de quilombos em Minas Gerais. *Revista de Antropologia*, n. 31, p. 23-28, 1980.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Esclavitud, Rebeldia y Arte. In: LEWIS, Roy Querejazu. *Arte Rupestre Colonial y Republicano de Bolivia y Paises Vencidos*. La Paz, n. 1, p. 212-219, 1992.
KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KLINK, Leonardo L. V. *O que a Arquitetura Mascara?* uma arqueologia da compartimentação, da vigilância e dos aspectos de concessão e restrição à circulação no Solar dos Ferreiras, Campanha/MG (século XIX). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero da. Algumas características do contingente de cativos em Minas Gerais. In: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero da; KLEIN, Herbert S. (orgs.). *Escravidão em São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 17-32.

MARINGONI, Gilberto. O menino de Rugendas, da parede ao espaço virtual: o que muda no desenho de humor? *História: Debates e Tendências*, vol. 16, n. 2, p. 378-392, 2016.

MARTÍNEZ-RUIZ, Bárbaro. *Kongo graphic writing and other narratives of the sign*. Philadelphia: Temple University Press, 2013.

MIGUEL, María Lidón; JOFFROY, Thierry; MILETO, Camilla; VEGAS, Fernando. Burkina Faso through its traditional architecture: a century of research on built vernacular heritage. *Heritage*, vol. 5, p. 2370-2393, 2022.

MUDGE, Mark. *et al.* New Reflection Transformation Imaging Methods for Rock Art and Multiple-Viewpoint Display. In: *7th International Symposium on Virtual Reality, Archaeology and Cultural Heritage*, 2006, p. 01-8.

MYTUM, Harold; PETERSON, J. R. The Application of Reflectance Transformation Imaging (RTI) in Historical Archaeology. *Hist Arch*, vol. 52, p. 489-503, 2018.

NAVARRO, Y. Hernández; DATO, Pasquale de; LAHOZ, Ana Langa. Disturbances in vernacular architecture of Togo's rural settlements. *The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences*, vol. XLIV-M-1, p. 761-766, 2020.

OLIVEIRA, Gabriel Pereira de. *et al.* O potencial da imagem na Arqueologia: da tecnologia a democratização de saberes. In: *Anais do XXVI Congresso de Iniciação Científica da UFPEL*, 2017, p. 01-04.

PAIVA, Eduardo França. *Por meu trabalho, serviço e indústria*: histórias de africanos, crioulos e mestiços na Colônia – Minas Gerais, 1716-1789. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

PAIVA, Eduardo França. Dinâmicas de mestiçagens: circulação do léxico da escravidão e das mestiçagens. In: PAIVA, Eduardo França; PEREIRA, Josenildo de Jesus; SILVA, Rodrigo Caetano; ROLAND, Samir Lola (orgs.). *Reescrivendo Histórias do Brasil*: conexões e dinâmicas internas no Centro-Norte (séculos XVIII e XIX). Belo Horizonte: Caravana, 2023, p. 253-263.

PARÉS, Luis Nicolau. *O rei, o pai e a morte*: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIQUÉ, Francesca; RAINER, Leslie H. *Palace Sculptures of Abomey*: History Told on Walls. 1999.

RANGEL, Ana Paula dos Santos. Aspectos da demografia escrava em Vila Rica – 1755-1815. In: *Anais do I Colóquio do LAHES*. 2005, s./p.

REZENDE, Rodrigo Costa. *As “Nossas Áfricas”*: população escrava e identidades africanas nas Minas setecentistas. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

RIRIS, Philip; CORTELETTI, Rafael. A New Record of Pre-Columbian Engravings in Urubici (SC), Brazil using Polynomial Texture Mapping. *Internet Archaeology*, n. 38, 2015.

RODRIGUES, Aldair. Quem eram as negras e os negros Minas da Capitania de Minas Gerais no século XVIII? In: RODRIGUES, Aldair; LIMA, Ivana Stolze; FARIAS, Juliana Barreto. (orgs.). *A diáspora Mina*: africanos entre o golfo do Benim e o Brasil. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020, p. 323-358.

SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio (orgs.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marcos André Torres de; AGOSTINI, Camilla. Body Marks, Pots and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration in Eighteenth and Nineteenth-Century Brazil. *Historical Archaeology*, vol. 46, n. 3, p. 102-123, 2012.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. Engenho Bom Jardim: cultura material e dinâmica identitária de uma comunidade escravizada no Mato Grosso. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, vol. 7, n. 1, p. 23- 72, 2013.

Notas de autoria

Leonardo Lopes Villaça Klink é doutorando e mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn/UFMG). Pós-Graduado em História da África e da Diáspora Atlântica pelo Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN). Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: leonardoklink@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

KLINK, Leonardo Lopes Villaça. Mãos e traços na parede: os baixos-relevos em um contexto de escravidão como subsídios ao estudo da trajetória, da presença e da lembrança africana, Ouro Preto/MG (séculos XVIII-XIX). *Sæculum – Revista de História*, v. 28, n. 49, p. 263-283, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 22/06/2023.

Modificações solicitadas em 20/12/2023.

Aprovado em 22/12/2023.